

JOSÉ MANUEL BEATO*

***PHILOSOPHIE PREMIÈRE (1954): CONSIDERAÇÕES LIMINARES
SOBRE A METAFÍSICA DE VLADIMIR JANKÉLÉVITCH***

***Philosophie Première (1954): preliminary considerations on the metaphysics of
Vladimir Jankélévitch***

Abstract

Philosophie Première occupies a central position in the work of Jankélévitch. This book explains the intuitions acting in earlier works, and also introduces themes which are later reviewed: death and creation, the je-ne-sais-quoi and the presque-rien, the instant and the becoming. This text presents a metaphysics that escapes the pitfalls of onto-theo-logy. It aims to surprise, by a metempirical intuition, in the sudden threshold of the instant, the passage and oscillation between being and nothingness, perpetuated by the becoming. The question of “radical origin” – thought of from the category of creation, through the meditation of death and “essences’ nihilisation” – allows us a glimpse into a “wholly-different-order” simultaneously meontological, hyperontical and metalogical. At this level, philosophy truthfully becomes “first”.

Keywords: metaphysics; me-ontology; *nescioquid*; creation.

Author: Vladimir Jankélévitch.

* José Manuel Beato é doutorando em Filosofia. Membro colaborador do “Instituto de Estudos Filosóficos” e do “Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos”, unidades I&D da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, é atualmente, bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia. Email: jose.beato71@gmail.com.

Resumo

Philosophie Première ocupa uma posição central na obra de Jankélévitch. Aí se explicitam as intuições actuates nas obras anteriores e introduzem-se temas mais tarde retomados: a morte e a criação, o *je-ne-sais-quoi* e o *presque-rien*, o instante e o devir. Este texto apresenta uma metafísica que escapa aos escolhos da onto-teo-logia e visa surpreender, por uma intuição metempírica, no súbito limiar acontecimental do instante, a passagem e oscilação entre o ser e o nada que o devir perpetua. A indagação da “origem radical” – pensada a partir da categoria de criação, da meditação da morte e da “nilização das essências” – permite entrever uma “ordem-totalmente-outra”, plano simultaneamente meontológico, hiperóntico e metalógico, onde a filosofia se torna verdadeiramente “primeira”.

Palavras-chave: metafísica; me-ontologia; *nescioquid*; criação.

Autor: Vladimir Jankélévitch.

1. Introdução: entre metafísica e moral

Terá certamente surpreendido que o moralista de *La mauvaise conscience* (1933) e do *Traité des vertus* (1949), o pianista musicólogo autor de *Gabriel Fauré et ses mélodies* (1938) e de *Debussy et le mystère de l’instant* (1949), desse à estampa, em 1954, *Philosophie Première: introduction à une philosophie du “presque”*¹. De tal surpresa, porém, só teria sido acometido quem não tivesse entendido como toda a obra de Vladimir Jankélévitch vivia de um estreito imbricamento de metafísica, ética e estética dentro de uma aparente dispersão temática.

Philosophie Première ocupa uma posição central no percurso e na obra de Vladimir Jankélévitch. Por um lado, neste texto confluem as obras anteriores, revelando as intuições que nelas agiam e explicitando as categorias já em uso. Por outro, as obras posteriores retomam temas aí apresentados prosseguindo no seu élan ideativo: a morte, o *je-ne-sais-quoi* e o *presque-rien*, o instante e o devir, o fazer e a criação terão ampla expressão nos textos subsequentes. Assim se evidencia o seu carácter de charneira, ou seja, de lugar de passagem e ponto de articulação entre uma meditação que se busca e que, aos poucos, se vai encontrando e comunicando. Neste processo, surpreende-nos a fidelidade a uma intuição e experiência metafísica fundamentais e a progressiva fixação de um aparelho nocional que, longe de pretensões construtivistas inerentes à arquitectónica intelectualista de um sistema, atravessa fluidamente todo o pensamento do autor.

¹ JANKÉLÉVITCH, Vladimir, *Philosophie première*, 2.^a ed., Presses Universitaires de France, Paris 1986; a 1.^a edição é de 1954, com depósito legal de 1953. Doravante faremos uso da seguinte abreviatura: *PP*.

O propósito parece-nos, hoje, claro: pensar a virtude a partir do tempo na correlação entre a emergência do instante e a irreversibilidade do devir.

Uma causalidade circular parece observar-se entre metafísica e moral. Por um lado, é lícito dizer-se que esta metafísica decorre da anterioridade e primazia de temas da filosofia moral: a má consciência, a liberdade, as virtudes, os valores e o mal. Por outro lado, é também claro que as intuições fundamentais de uma metafísica ainda não explicitada e articulada introduzem ou conduzem ao primado da problemática moral e operam no seu interior². Neste processo, «a causa é o efeito do seu próprio efeito, o efeito é a causa da sua causa aparente ou presumida»³. A metafísica não funda a moral em sentido arquitectónico⁴, nem a moral vem vicejar num ramo da frondescente árvore filosófica dependendo do inabalável vigor das raízes metafísicas. Alexis Philonenko, no seu não menos obscuro que extenso volume *Jankélévitch: un système de l'éthique concrète* (2011), vem corroborar a nossa posição quando alude à «unidade regulativa de um organismo», com um *nexus* não dedutivo mas harmónico e vital: «Não há de um lado a moral e do outro a metafísica», mas mais ainda, «cada um dos livros de filosofia moral ou de metafísica compreendia em si a totalidade do sistema»⁵.

² Ver, a este respeito, a recensão de BARON, R., «La Mauvaise conscience (Éditions Aubier-Montaigne, 1966) par Vladimir Jankélévitch», *Les Études philosophiques*. Nouvelle Série, 21e Année, N.º. 3, L'Athéisme (juillet-septembre 1966), 395-399, pp. 398-399. Este crítico sublinha: «A sua obra moral aparece-nos desde o início como uma obra metafísica [...] não há moral sem metafísica».

³ JANKÉLÉVITCH, Vladimir, *Les vertus et l'amour 2 : traité des vertus, t. II.*, Flammarion, Paris 1983, p. 218.

⁴ Neste ponto, a convergência com Bergson é clara. Como explicita Camille Riquier, a metafísica bergsoniana não visa o “fundamento” nem a “fundação”. Tanto a firmeza de um “solo” ou “certeza apodíctica”, como a metáfora arquitectónica intelectualista são abandonadas em prol da fluidez do espírito no contacto com a movência da realidade: Cf. RIQUIER, Camille, *Archéologie de Bergson: temps et métaphysique*, PUF, Paris 2009, pp. 25-39.

⁵ PHILONENKO, Alexis, *Jankélévitch: un système de l'éthique concrète*, Editions du Sandre, Paris 2011, p. 74. Não iremos aqui levantar as imediatas objecções ao uso da expressão “sistema” para caracterizar a organização do pensamento de Jankélévitch que sempre criticou esta noção defendendo, ao invés, a ideia bergsoniana de “totalidade aberta” e sujeita à dinâmica da temporalização. A este respeito, veja-se o estudo de GROSOS, Ph., «Vladimir Jankélévitch ou le charme des totalités allusives», in *Questions de système: Études sur les métaphysiques de la présence à soi, L'Âge d'homme*, Lausanne 2007, pp. 177-190. Poderíamos, a este propósito, usar os termos de Jankélévitch a respeito da obra de Bergson, aplicando-os ao próprio: «Não se trata de uma fabricação mecânica, nem de uma arquitectura edificada pedra a pedra e completada, a pouco e pouco, à maneira de certos grandes “sistemas”», e é o pensamento de Jankélévitch «que figura inteiro, e sempre sob uma luz diversa, nos livros sucessivos do filósofo, como são todas as hipóstases, no emanatismo de Plotino, que figuram em cada hipóstase», JANKÉLÉVITCH, Vladimir, *Henri Bergson*, 3.ª ed., Presses Universitaires de France, Paris 2008. pp. 1-2.

Desde logo, a relação orgânica e dinâmica entre metafísica e moral em Jankélévitch não nos permite subscrever linearmente a afirmação de Emanuel Levinas quando este lhe atribui uma concepção da «ética pensada de forma rigorosa como filosofia primeira»⁶, esta sendo, como bem se sabe, a tese central de *Totalité et Infini* e o mote retomado numa conferência de 1982 intitulada, precisamente, *Éthique comme Philosophie Première*⁷. Levinas afirma, aliás, no mesmo ano e no mesmo espírito, em *De Dieu qui vient à l'idée*, que «a pergunta por excelência, ou a primeira pergunta, não é 'porque há ser em vez de nada' mas 'tenho eu direito a ser?'»⁸. Ora, Jankélévitch, na sua primeira obra de filosofia moral – *La Mauvaise conscience* (1933), reconhece o carácter nevrálgico e incontornável do “*potius-quam* lebniziano” na interrogação filosófica: «*Pourquoi en général y a-t-il quelque chose, plutôt que rien, et pourquoi ainsi, plutôt que tout autrement?*»⁹. Jankélévitch elegerá, todavia, a moral como o «primeiro problema da Filosofia», no sentido do seu carácter «preveniente e englobante», num texto bem posterior a *Philosophie Première: Le paradoxe de la morale*, de 1981¹⁰. Contudo, a comutação ou promoção da ética a “filosofia primeira” jamais é afirmada como tal, e menos ainda no texto que ora nos ocupa. Sucede, isso sim, que a problemática do fazer, do acto, do instante, da criação, inserta na questão do tempo e da morte, ganhando a primazia face às questões do ser e da substância, abre a dimensão “quodditativa” da “outra-ordem” sobre-essencial e hiper-ôntica, na qual a moral se inscreve de modo privilegiado.

Verdade é, porém, que Jankélévitch e Levinas tomam ambos, nesta questão, o mesmo ponto de partida: o Bem que dá o ser aos cognoscíveis não é ele-mesmo um ser, expõe o nosso autor. Tudo está em prosseguir na senda da “demónica hipérbole”, na “maravilhosa exageração” contida na sentença do Livro VI da República – 509b – de Platão: «O Bem está acima e para além da essência pela sua dignidade e força criadora»¹¹. Também Levinas, no prólogo de *De l'existence à l'existant*, nos diz que «a fórmula platónica colocando

⁶ LEVINAS, Emmanuel, «Vladimir Jankélévitch», in *Hors sujet*, Le Livre de Poche, Paris 1997, p. 120.

⁷ LEVINAS, Emmanuel, *Ethique comme Philosophie Première*, Payot & Rivages, Paris 1998, pp. 67-108.

⁸ LEVINAS, Emmanuel, *De Dieu qui vient à l'idée*, Vrin, Paris 1998, p. 257.

⁹ JANKÉLÉVITCH, Vladimir, *La Mauvaise conscience*, Aubier-Montaigne, Paris 1966, p. 9.

¹⁰ JANKÉLÉVITCH, Vladimir, *Le Paradoxe de la morale*, Seuil, Paris 1989, pp. 7; 8.

¹¹ A partir da tradução francesa de Léon Robin, disponível em linha em [http://www.echosdumaquis.com/Accueil/Textes_\(A-Z\)_files/La%20Re%CC%81publique%20VI-VII%20Extraits.pdf](http://www.echosdumaquis.com/Accueil/Textes_(A-Z)_files/La%20Re%CC%81publique%20VI-VII%20Extraits.pdf): «*Socrate: [...] quoique le Bien ne soit pas essence, mais qu'il soit encore au-delà de l'essence, surpassant celle-ci en dignité et en pouvoir!*».

o Bem para além do Ser é a indicação mais geral» que guia o seu percurso, sendo que tal desígnio conduz a «uma saída do ser e das categorias que o descrevem». Também Jankélévitch visa, a seu modo, como veremos, emancipar-se do «imperialismo ontológico»¹².

Parece-nos, todavia, que esta mesma articulação de Metafísica e Moral – que repensa a questão da anterioridade, primazia ou excelência da “*prima philosophia*” – é determinante da maneira como devemos posicionar o nosso autor no vasto e complexo debate da renovação ou superação da chamada “metafísica tradicional”. Jankélévitch posiciona-se, informal e implicitamente, no centro da problemática. Seguidor infiel de Bergson, comentador heterodoxo de Schelling e desde a primeira à última hora, leitor atento de Plotino, Jankélévitch elabora uma metafísica que escapa aos escolhos da «constituição onto-teológica» vilipendiada por Heidegger, Habermas, Derrida ou Jean-Luc Marion. Neste ponto, faríamos nossa a pergunta de Pierre Aubenque: «*Faut-il déconstruire la métaphysique?*» para podermos subscrever a resposta: a própria metafísica, na sua secular heterogeneidade, «inclui a sua própria superação»¹³. O exercício permanente da “função meta”, como lhe chamam Jean Greisch, Stanislas Breton e Paul Ricoeur¹⁴, indica que é a própria metafísica que nos convida a «fazê-la sair dos seus limites, a por à luz o seu impensado, a reactivar as possibilidades que o seu próprio desenvolvimento histórico tinha prematuramente fechado, a renovar nela o que contra ela se pronunciava»¹⁵. A pergunta de Aubenque pode ainda reformular-se do seguinte modo: «A metafísica pode ser outra que onto-teológica?». Poderá ela evitar a tendência persistente a «essencializar o ser» – segundo o diagnóstico de Etienne Gilson; será ela capaz de furtar-se a entificar o ser reconduzindo-o a um ente exemplar ou supremo, entendido como substrato, causa e fundamento, no manifesto esquecimento da diferença ontológica – segundo a famosa crítica de Heidegger; escapará ela a pensar o ser como experiência da identidade e do fundamento subtraído ao tempo, segundo a análise de Levinas? Cremos que a metafísica de Jankélévitch

¹² LEVINAS, Emmanuel, *De l'existence à l'existant*, Vrin, Paris 1993, pp. 9-10.

¹³ AUBENQUE, Pierre, *Faut-il déconstruire la métaphysique ?* PUF, Paris 2009, p. 75.

¹⁴ RICOEUR, Paul, «De la métaphysique à la morale», *Revue de Métaphysique et de Morale*, No. 4 (Oct-Déc. 1993), 455-477 p. 457, *passim*. E o próprio exercício da função meta, enquanto estratégia de «hierarquização e diferenciação» que realiza em Jankélévitch a «passagem da metafísica à moral». É precisamente o facto de optar-se ser por aquilo que vai para lá da “*ousia*”, privilegiar a metafísica do acto e da criação que torna o élan intuitivo de Jankélévitch relativamente próximo do início do movimento discursivo de Ricoeur, trabalhando a partir duma «região deixada intacta pela crítica contemporânea da onto-teologia». *Id. Ibid.* p. 465.

¹⁵ AUBENQUE, *Faut-il déconstruire la métaphysique*, op. cit., p. 52.

é um exemplo dessa possibilidade¹⁶. Aqui, ocorre-nos evocar o livro clássico de Heinz Heimsoeth *Os seis grandes temas da metafísica da Idade Média aos tempos modernos* e, claro está, a sua tese de base: a existência de uma metafísica alternativa que flui “subterrânea” e marginal ao grande legado aristotélico: «A subordinação da eternidade ao tempo», «o primado da vontade sobre o entendimento», a unidade ou coincidência dos opostos, são alguns dos vectores desta alternativa. Todavia, contrariamente à ideia Heinz Heimsoeth, não é somente a «espiritualidade alemã» a realizá-la¹⁷.

2. Me-ontologia

O tempo, evidência deliquescente, mistério “omnienglobante”, irresistível mas irresistente irreversibilidade, “única substancialidade do ser” é o tema magnetizador da “filosofia primeira” de Jankélévitch, embora não seja directamente tratado nem conste do articulado do texto que nos ocupa. Diríamos que *Philosophie Première* lavra os prolegómenos ao livro sobre o tempo de que Jankélévitch apenas nos deixou um parágrafo antes da sua morte, em 1985, mas que, amiúde, foi escrevendo ao longo de toda a sua vida. Sob o prisma do devir – alternância perpétua de ser e não ser – e do instante – terceiro princípio entre o ser e o nada¹⁸, a questão do tempo conduz a metafísica de Jankélévitch a «fazer o luto de toda a consistência substancial em geral»¹⁹ e ser a “ciência nesciente” que, numa despojada entrevisão, visa surpreender a “quodidade” do que vem ao ser e regressa ao nada.

A “filosofia primeira” de Vladimir Jankélévitch consiste, por isso, no exercício da “função meta” levada ao paroxismo. Busca um “*epekeina*” superlativo, onde o “cimo da alma” assume uma “via negativa” suspensa do extremo limite do pensável e do dizível, do instante fulgurante e imponderável, que coincide com o ponto vertiginoso de uma súbita intuição. Tudo parece oscilar entre o indi-

¹⁶ Jankélévitch e Bergson estariam neste ponto em plena consonância, segundo a análise de Camille Riquier que observa em Bergson uma autêntica crítica e superação da «estrutura onto-teo-lógica da metafísica [...] tal como Heidegger a extrairá trinta anos mas tarde». Nomeadamente, na crítica do esvaziamento do conceito de ser reduzido a cópula onde se pretende basear uma ciência universal reconduzida ao «espírito de sistema». Cf. RQUIER, *Archéologie de Bergson*, op. cit., pp. 91-101.

¹⁷ HEIMSOETH, HEINZ, *Les six grands thèmes de la métaphysique: du Moyen Âge aux Temps Modernes*, Vrin, Paris, 2003.

¹⁸ JANKÉLÉVITCH, Vladimir – BERLOWITZ, Béatrice, *Quelque part dans l'inachevé*, Gallimard, Paris 1987, pp. 33, 43.

¹⁹ JANKÉLÉVITCH, Vladimir – BERLOWITZ, Béatrice, *Quelque part dans l'inachevé*, op. cit., p. 23.

zível – aquilo de nada há a dizer ou é inapreensível ao conceito – e o inefável – aquilo de que há infimamente a dizer e que sobreabunda face ao conceito.

Não se trata, deste modo, de uma metafísica do ser e, em muitos passos, Jankélévitch, na sua incisiva verve, deixa críticas à ontologia tradicional que o parecem colocar em sintonia com os mais acerbos detractores da Metafísica:

Se podemos responder a questões partitivas tais como o que é tal ou tal ente, a questão ‘que é o Ser em geral?’ [...] é uma questão absurda a que apenas respondem lapalissadas do tipo ‘O Ser é o que é’, tautologia onde o ser a definir figura três vezes, como sujeito, como cópula e como atributo. Não há predicação de que o Ser, sujeito universal, seria o sujeito²⁰.

Em *Le Je-ne-sais-quoi et le presque-rien*, obra que retoma, aprofunda ou rearticula temas centrais de *Philosophie Première*, reitera e acrescenta na mesma direcção: «A questão ‘o que é o Ser’ é uma questão vazia de sentido e que deve permanecer eternamente, necessariamente, sem resposta»²¹. A fundamentação toma laivos de cepticismo: «Não, não posso saber “o que” é o ser, no sentido atributivo e copulativo do verbo ‘é’ – porque todos os predicados atribuídos a este sujeito dos sujeitos seriam mais especiais do que ele». Cepticismo aparente, todavia, pois, por outro lado, afirma: «Posso entrever que o ser “é”, [...] ou mais simplesmente que ‘há ser’ (qu’ *il y a être*), ou seja “o facto em geral que algo existe”»²².

Jankélévitch não assume, contudo, a pretensão de “desconstruir” ou sequer “ultrapassar”, somente nos diz que a “filosofia primeira”, nos termos em que foi historicamente fundada por Aristóteles (*Met.*, Δ, 2 e 3) como pensamento do ser enquanto ser pela via da substância, como essência e substrato, ainda é uma “filosofia segunda”. Escreve: «Uma metafísica que trate não do facto de Ser, mas do ser enquanto tal, não do *einai*, mas do *on*, como predicado universal e da *ousia* desse ser, quer dizer do mais essencialmente ‘ente’ (ens) desse ser, uma tal metafísica apenas pode ser ‘hipotética’»²³. Diríamos que para que a filosofia primeira possa ser “ontofânica”, não deve seguir uma via “ontológica” – aparentemente positiva, mas uma via «me-ontológica» – só aparentemente negativa. Definir a “ousia” do ser que já está aí, como que deposto e reificado, é uma tarefa segunda face à meta-questão tética da sua posição, da sua efectividade e do advir

²⁰ *PP*, p. 232.

²¹ JANKÉLÉVITCH, Vladimir, *Le Je-ne-sais-quoi et le presque-rien vol. 1: La Manière et l'occasion*. 2.º ed. Seuil, Paris 1980, p. 26. Doravante faremos uso da seguinte abreviatura: *JNSQI*.

²² *JNSQI*, p. 26.

²³ *PP*, p. 1.

dessa mesma posição “no” ser ou “do” ser – enquanto acto posicional. É, portanto, de imediato, a distinção entre a “quididade” – o que o ser é – e a “quodidade” – o próprio facto do ser “ser”, que entra em cena. Esta distinção, de origem schellinguiana²⁴, constitui um dos temas chave do nosso autor. Toda a questão “ontológica” é reconduzida ao “facto de ser” – efectividade plena e indubitável ainda que indeterminada na sua “quididade”, na medida em que o “ser-em-geral pode ser considerado o *je-ne-sais-quoi* por excelência – que o autor designa por “*Quod*”²⁵.

Certo é que Jankélévitch começa por recusar o “eternitarismo” e “necesarismo” eleático do “*Esti*”. O Uno de Parménides designa a continuação eterna do existente com a plenitude das relações que o compõem²⁶: «é, o que é». Todavia, interpela Jankélévitch, precisamente, o que é poderia não ser, ou ainda, ser de um modo totalmente outro²⁷. O eleatismo, pensando o ser como eterno e necessário, e na sua sequência todo o essencialismo grego, visava «prevenir toda a pergunta indiscreta sobre a origem e a abolição, isto é, escamotear o grande mistério da Quodidade, conjurando o duplo espectro que tem por nome *Ex-nihilo* e *In nihilum*»²⁸. A “filosofia primeira” é, portanto, aquela que começa por levar a sério a pergunta “porque há algo em vez de nada?”, ou seja, o meta-problema da “origem radical”. No ver do nosso autor, o próprio Leibniz procurou neutralizar esta «pergunta fundamental», pois, «a constante metafísica das verdades necessárias, impedindo Deus de querer o impossível, e a constante moral do Bem, implicando a preferibilidade do ser sobre o não ser»²⁹, obturam de imediato a possibilidade do “nada” que a pergunta, em boa verdade, apenas invocara retoricamente³⁰. Contrariando a lição do seu mestre Henri Bergson,

²⁴ JANKÉLEVITCH, Vladimir, *L'odyssée de la conscience dans la dernière philosophie de Schelling*, 2.º ed., L'Harmattan, Paris 2005, pp. 171-179. Sublinha-se neste texto a «profunda distinção do *Dass* e do *Wass*», ou seja da “efectividade” e do “*quid*” intelectualizável das coisas. Parece-nos lícito aproximar esta distinção da dualidade estabelecida por Francis-Herbert. Bradley entre o “*that*” – um sujeito existente – e o “*what*” – um conteúdo predicável (Cf. BRADLEY, F.-H., *Appearance and Reality*. Sixth impression, corrected, George Allen & Unwin, London 1916, pp. 162-170, *passim*).

²⁵ *JNSQI*, p. 26.

²⁶ *PP*, p. 116.

²⁷ «*Cela est, qui est*». *PP*, p. 38.

²⁸ *PP*, p. 35A.

²⁹ *PP*, p. 195.

³⁰ *PP*, pp. 42-44. Claude Romano, na senda de Luigi Pareyson, sublinha este mesmo aspecto: «Em Leibniz, esta questão guarda uma envoltura retórica: a existência necessária de Deus, a perfeição do ente e imperfeição do nada, os princípios de razão suficiente e do melhor que presidem à criação divina, enfim, fazem da possibilidade que o mundo não seja uma possibilidade vazia, uma quimera metafísica»: LAURENT, J. – ROMANO, C. (pref. e dir.), *Le néant: contribution*

que recusava as ideias negativas de mal, desordem e vazio, afirmando que «o pensamento do nada é um simples nada de pensamento»³¹, e assumindo os dilemáticos paradoxos, já identificados por Platão no *Sofista* e no *Teeteto*, Jankélévitch entende que a “filosofia primeira” deve ousar visar o nada. O pensamento não pode, de facto, proibir-se de tentar conceber todas as supressões, partitivas ou globais, sensíveis e inteligíveis, e conceber o “impossível-necessário” do nada, não apenas do *néant* – negação do ser actual – mas do próprio *rien* – negação do ser actual e possível. A filosofia que se instala na sempiternidade essencial e necessária do que parece subsistir mesmo sem existir, colmatando assim a descontinuidade contingente e finita do mundo empírico, ainda é uma “filosofia segunda”. Compreende-se, deste modo, a relevância dos temas da morte e da “niilização das essências”, que surgem logo nos capítulos III.º e IV.º de *Philosophie Première*. A metafísica jankélévitchiana toma, assim, prontamente, ainda que de modo provisório, um carácter “me-ontológico”.

A morte é a “mutação hiperbólica” de que não há figuração, pensamento ou sequer experiência possível, é a «passagem de tudo a nada», é «tornar-se um absolutamente outro» que é «devir coisa nenhuma»³². Mais do que uma falha no mundo empírico ela abre uma brecha “metempírica”. Constitui um “impossível-necessário”: a aniquilação de uma ipseidade absolutamente única e irrepitível, o desaparecimento de um *hápax*, insubstituível e incomensável³³. É ainda a eliminação paradigmática do sujeito pensante – misteriosa «verdade-eterna-que-morre-um-dia», e com ele do pensado desse sujeito³⁴. Assim, não é verdade que «a morte não afecte a duração indefinida da empiria», como também é falso «que deixa intacta a eternidade infinita do logos»³⁵. A morte é,

à l'histoire du non-être dans la philosophie occidentale, 2.ºed., PUF, Paris 2014, p. 25. Na verdade, é a partir da sua retoma por Schelling que a “pergunta fundamental” é assumida por Jankélévitch: «Que algo exista em geral – eis o facto contingente e inexplicável *a priori*» (JANKÉLÉVITCH, *L'odyssée de la conscience...*, op. cit., p. 95). «Uma contingência de facto pesa sobre o universo na medida em que «a arbitrariedade divina é 'insondável', não é de todo necessário que alguma coisa seja dada em geral; a existência efectiva de alguma coisa revela-nos *imediatamente* a Vontade arbitrária que decidiu gratuitamente em favor do ser» (*Id.*, *Ibid.*, p. 143; p. 177). Como faz notar C. Romano, o que é salientado na formulação schellinguiana da pergunta «não é mais o simples espanto perante a existência de alguma coisa, ante a contingência do mundo, mas a vertigem do nada que ameaça incessantemente tanto o ente criado como divino e que mergulha a razão no assombro» (LAURENT – ROMANO, *Le néant*, op. cit., p. 25).

³¹ JANKÉLÉVITCH, *Henri Bergson*, op. cit., pp. 208, 209 e 210.

³² *PP*, pp. 54-55; 56.

³³ *PP*, p. 50.

³⁴ *PP*, p. 51.

³⁵ *PP*, p. 47.

assim, inequivocamente uma «iniciação à sabedoria primeira» enquanto confronto com o nada pela negação em acto do ser e do pensar³⁶.

A “niilização das essências” consiste em pousar a inconcebível e «impossível possibilidade» da abolição dos princípios e verdades lógicas e das relações inteligíveis, pondo a nu a sua «gratuidade e contingência fundamentais». Jankélévitch tem bem presentes todos os paradoxos inerentes a esta hiperbólica niilização. Ela deveria englobar o próprio acto de existência do pensamento nihilizante, porém, a «supressão pode tudo suprimir, mas o próprio facto da supressão é insuprimível; ora se o acto de suprimir é salvo, tudo é salvo com ele»³⁷.

Quererá isto que a “filosofia *primeira*” de Jankélévitch consiste num exercício de “nadificação”, de absorção do pensamento no vórtice de um niilismo radical? Não é o caso. A me-ontologia serve para minar o substancialismo, a «levitação desrealizante» visa contrariar a «gravitação reificante»³⁸. Não se trata de ceder de novo à «superstição da Coisa» e opor a um «Pleno ontológico a um Vazio meôntico», gizando uma «hipóstase negativa» tão reconfortante quanto angustiante³⁹. Por outro lado, a hipótese hiperbólica da “niilização das essências” é o meio para a refutação do intelectualismo: a mais pequena efectividade quotidiana não se extrai da lógica quiditativa: tanto a existência quanto o seu fim não se obtém a partir do conceito, não decorrem da essência.

3. Entre ser e nada: uma «ordem-totalmente-outra»

Não há niilismo, pois tudo está em intuir o instante entre o não ser e o ser, o «quase nada» e «quase ser» em que se surpreende o ser em emergência e se adivinha, num relance abissal, o nada da substância e da existência. Jean Wahl, na finura de análise que lhe é própria, identificou a intuição e o propósito fundamentais de Jankélévitch: «É na junção do *Parménides*, na sua terceira hipótese e da *República*, no livro VI – que já evocamos – que vemos formar-se a ideia de um *epekeina* – para além – que se apresenta no *exaiphnes* – instante»⁴⁰. A referência ao *Parménides* de Platão – 155e-157b – é, aliás, explícita. Há algo que é outro que ser e mais que não ser e que advém no instante, como que validando as duas

³⁶ *PP*, pp. 52; 57.

³⁷ *PP*, p. 68.

³⁸ *PP*, p. 193.

³⁹ *PP*, p. 108.

⁴⁰ WAHL, Jean, «La philosophie première de V. Jankélévitch», *Revue de Métaphysique et de Morale*, 60 (1/2) (1955), 161-217, p. 178.

hipóteses antagónicas para além do princípio de contradição, e onde Jankélévitch vem interpor um “fazer ser”, criador da multiplicidade e do movimento⁴¹.

Na verdade, escreve o autor,

«o nada (*rien*) que é ao mesmo tempo vazio de existência e vazio de essência, inexistente e não subsistente, este nada é somente entre-percebido, como que no limite evanescente e no artigo-relâmpago do instante. O nada não se apreende nem no pleno da subsistência intemporal, que expulsa esse nada colmatando todas as lacunas, nem no vazio irrespirável que asfixia todo o pensamento, incluindo a filosofia niilizante: é o quase nada do instante que nos dá a divinação fugidia do nada, é o *quasi-nihil* de um milésimo de segundo que nos revela o *nihil*»⁴².

De modo positivo, o “instante” não é apenas limiar e mutação súbita, onde espaço e tempo são coincidentemente pontualizados⁴³ – ele é sobretudo o *tertium-quid* para além do ser e do não ser, entre o intervalo ôntico e o vazio meôn-tico⁴⁴. Entre o vazio e o pleno, o quase-nada é uma centelha que aparece para logo desaparecer e a que corresponde a intuição, não como visão plena e estável, mas como entrevisão fugidia⁴⁵. É entre o ser e o não ser que emerge o instante drástico do Fazer (*Fiat*) enquanto criação, acto e acontecimento. O quase-nada do instante é, por isso «a charneira onde a plenitude se articula» e deste modo, o pensamento de Jankélévitch não sucumbe à vertigem do nada, pois, pela via do instante metempírico a «niilização pára no extremo limite do *nihil*»⁴⁶.

A metafísica começa, claro está, por ser “metempírica”, sendo que a metem-píria não resulta de uma sublimação, rarefacção ou densificação da realidade concreta, palpável e ponderável. Mais ainda, Jankélévitch designa por aí, num tom estranhamente kantiano, «o que está fora de toda a experiência possível»⁴⁷, contrariando, deste modo, e mais uma vez, o seu mestre Bergson que via na verdadeira metafísica um «aprofundamento da experiência»⁴⁸ ou, noutro sentido, um modo de «experiência integral»⁴⁹. Começa a metafísica por conside-

⁴¹ *PP*, p. 209.

⁴² *PP*, pp. 71-72.

⁴³ *PP*, pp. 73; 209.

⁴⁴ *PP*, p. 72.

⁴⁵ *PP*, p. 76.

⁴⁶ *PP*, pp. 72-73.

⁴⁷ *PP*, p. 4.

⁴⁸ *PP*, p. 28.

⁴⁹ Sobre a configuração da metafísica enquanto “experiência integral” em Bergson, veja-se RIQUIER, *Archéologie de Bergson*, op. cit., pp. 86-91.

rar a «totalidade da empiria», o «facto da empiria no seu todo» que de modo algum pode ser dada numa experiência concreta – sempre finita, circunscrita, parcial, limitada no tempo e no espaço. A empiria não é cripticamente sinal ou indício de outra coisa, a aparência não desvela nada além dela-própria, pois é aparição de si-mesma e tem em si o seu próprio mistério⁵⁰. O mistério «é inerente ao *facto da empiria* em geral» e ao movimento do seu aparecer⁵¹, ela «dá testemunho e depõe a favor do para além pela sua efectividade e totalidade», ou seja, da “quodidade radical” que é, em si, profundamente misteriosa.

Mas a metafísica é ainda “metalógica”. Não permanece na ordem das essências, verdades lógicas e relações inteligíveis, como esfera do universal, do eterno e do necessário⁵², que visa conferir subsistência e coerência à ordem empírica. Tal envolve pensar a «gratuidade e contingência fundamental» dos princípios inteligíveis: por exemplo «o princípio de identidade é necessário, mas o princípio do princípio de identidade é um facto e um dado arbitrário»⁵³.

A metafísica deverá assim passar novo rubicão, e visar, precisamente, o que está para além das essências e existências: uma “ordem-totalmente-outra” (*tout-autre-ordre*): metempírica e metalógica, hiper-ôntica e hiper-noética, porquanto é inessencial e inexistente, sendo, todavia, o contrário do Nada⁵⁴. Mais do que uma “outra ordem” é o princípio da ordem, nem verdadeira nem falsa, pois é origem da verdade, e sem sentido, por ser a fonte do sentido. A assonância plotiniana destas asserções é evidente e a referência às *Enéadas* é uma constante ao longo de toda a *Filosofia Primeira*, prosseguindo pela teologia mística do Pseudo-Dionísio, de Fílon de Alexandria, Gregório de Nissa e João Crisóstomo. A “ordem-totalmente-outra” não é fundamento mas pura fundação ou acto de fundar⁵⁵ – não é *Gründ* mas, na expressão de Jakob Böhme usada por Jankélévitch: *Ungrund*. Até ela só há uma “via negativa”. A “filosofia primeira” toma, assim, os contornos de uma “filosofia negativa” abrindo a um «realismo místico» que, para além de toda a progressão dialéctica e discursiva,

⁵⁰ Deverá esta perspectiva ser entendida no sentido de um “fenomenismo”? Não é essa a intenção explícita de Jankélévitch, que visa, isso sim, reconduzir a questão do ser à questão do tempo por meio da problemática do “devir” enquanto “aparecer” ôntico. O devir é entendido como a “vinda” ao ser do ser, e o “modo de ser do ser”.

⁵¹ *PP*, p. 29.

⁵² *PP*, p. 30.

⁵³ *PP*, p. 80.

⁵⁴ *PP*, p. 88.

⁵⁵ *PP*, p. 102.

visa uma tangência instantânea e imponderável – uma intuição súbita, pontual e evanescente⁵⁶.

4. O *nescioquid*

O “totalmente outro”, além de todos os epítetos e determinações de essência e existência, é, no fundo, um “não-sei-quê”. A partir daqui é possível encontrar em «*Philosophie Première*» e em toda a obra de Vladimir Jankélévitch – o que designaríamos por uma teoria da analogia do “*je-ne-sais-quoi*” e de uma proporcionalidade qualitativa do “*presque-rien*”, dentro e a partir da qual se pensa a quodidade das realidades evanescentes mas primeiras. São elas o devir, a vida, a liberdade, a ipseidade humana, mas também Deus – enquanto ipseidade superlativa, a Criação – enquanto acto tético por excelência, e na sua esteira o fazer moral e estético e ainda, com elas o bem e a obra de arte.

A noção de “*je-ne-sais-quoi*” – *nescioquid* – é um dos leitmotiv do pensamento de Jankélévitch. Ela surge antes de mais no contexto da distinção entre “quididade” – o que uma coisa é – e “quodidade” – o facto de algo ser, que sucessiva e alternadamente Jankélévitch denomina “pura efectividade”, “acto tético”, “posição posicional” ou “acto posicional”. A distinção tem origem na dualidade estabelecida por F. Schelling entre o “*Wass*” e o “*Dass*”, que faz corresponder ao *quid* e ao *quod*. Tudo se passa quando sabemos “que” sem sabermos “o quê” e quando a intelecção visa o que está para além da lógica da predicação solidária da ontologia da substância e dos atributos. O “*je-ne-sais-quoi*” não se esgota na essência ou demais determinações categoriais, não se situa na ordem finita ou transfinita dos predicados de um sujeito, pois não é o epíteto ou acidente que falta determinar. Também não se alcança ou define invertendo a ordem das qualidades primeiras e segundas, reconduzindo o ser às maneiras de ser num «impressionismo filosófico que reduz a substância aos seus modos»⁵⁷. O “*je-ne-sais-quoi*” é o «limite invisível de todas as predicações»⁵⁸ – não é nem um epíteto privilegiado nem a «síntese informe de todos os epítetos»⁵⁹, é algo que, não sendo coisa, não é, porém, nada, mas um «quase nada» que, paradoxalmente, se comuta num “quase tudo”. Dá-se como «evidência pneumática e

⁵⁶ *PP*, pp. 85-87.

⁵⁷ *JNSQI*, p. 13; *PP*, p. 133.

⁵⁸ *JNSQI*, p. 17; *PP*, p. 137; p. 145).

⁵⁹ *PP*, p. 110.

inevidente» e numa «presença ausente», numa «intuição anfibólica da parousia, por oposição ao saber unívoco da ousia». Se o *quid* traduz a positividade ôntica, o *quod* designa a positividade tética, que é, no fundo, a suprema positividade – tão meóntica quanto híper-ôntica⁶⁰, e da qual só há “entrevisão”, “semi-gnose”, “saber alusivo”, etc. Por isso, Jankélévitch nos fala de uma «filosofia negativa da positividade pura»⁶¹ – onde não há progressão dialéctica ou discursiva mas conversão súbita e evanescente – *exaiphnes*.⁶²

A “lei da alternativa”, a que está sujeita a condição intermédia do homem⁶³, determina a impossibilidade de conjugar a ciência explicativa do *quid* – da natureza – e a semi-gnose intuitiva do *quod* – da efectividade. Concretamente, é impossível quidificar a meia gnose da morte ou da vida, da liberdade e da ipseidade humana, de Deus ou da criação, do amor e do charme, de uma obra de arte ou do Bem⁶⁴. Estas quodidades densas e evanescentes pedem-nos o esforço de «consentir a existências sem natureza», a um indefinível que se impõe com uma persuasão drástica sem transparência gnóstica⁶⁵.

5. A criação

A “filosofia *primeira*” jankélévitchiana visando surpreender o instante entre o ser e o nada, confere, como vimos, lugar importante ao mistério da morte. Em paralelo, ainda que assimetricamente, é o tema da «criação» que ganha uma especial relevância. Em ambos, o Instante é o terceiro princípio mediador entre o Ser e o Nada, embora no seio de um movimento de direcções opostas. O capítulo dedicado à criação é, de longe, o mais extenso de *Philosophie Première*. O mote é o seguinte: «Irrracionalmente e drasticamente, entre o ser e o nada, há o Fazer, que não é nem ser nem não-ser»⁶⁶.

O pensamento do ser niilizado constitui um meio para poder atender plenamente à radicalidade da ideia de criação, ou seja «tentar surpreender a emergência de alguma coisa a partir do nada»⁶⁷. A dificuldade reside no facto do

⁶⁰ *PP*, p. 107.

⁶¹ *JNSQI*, p. 28.

⁶² *PP*, p. 118.

⁶³ *PP*, p. 155.

⁶⁴ *PP*, p. 149.

⁶⁵ *PP*, p. 151.

⁶⁶ *PP*, p. 179.

⁶⁷ *PP*, p. 197; 216.

homem existir no registo da continuação e do “sempre-já-ai”, imemorialmente inscrito na proveniência de um qualquer estado ou ser minimal. Tudo está em quebrar o reenvio permanente entre um «acto posicional» – em que consiste a criação – e um estado ou modo de ser preexistente – (ou seja entre a *res posita* – e a *positio ponens* –). Tudo reside no surgimento da «*causa sui*» vencendo aquela circularidade viciosa⁶⁸.

Para Jankélévitch «filosofar sobre a criação e filosofar sobre o absoluto é um só e mesmo desafio»⁶⁹. Começa por desontologizar a noção de Absoluto:

não somente ele não é alguma coisa, mas podemos até dizer que ele não é no sentido absoluto do verbo ser, não somente não é sujeito relativo de uma predicação hipotética e copulativa, mas nem sequer é sujeito categórico do *Esti*

O Uno de Plotino ou o Deus da teologia negativa são as referências de Jankélévitch: o “Ele-mesmo” irrelativo e o “*Ipse Ipsissimus*”. «O Absoluto não é, ele faz», ele é inteiramente dinamismo transicional e impalpável operação. Deus faz ser o ser, mas ele não é de modo algum «aquilo-que-faz-ser-o-ser»⁷⁰; o que significa somente “Deus faz”: vertendo-se completamente no seu verbo operativo sem nenhuma preexistência do seu próprio ser face ao seu fazer. Se ele fosse já alguma coisa, antes de criar, Deus não seria mais livre de ser ou não ser, e teríamos de novo de nos questionar sobre o autor ou a causa desse ser já posto, e sobre o princípio que faz ser *o que faz ser*.

Para retomar o meta-problema da “origem radical” na sua pureza, e «encontrar a iniciativa absolutamente preveniente» que coloca um terno à ordem infinita das regressões causais, devemos necessariamente aceitar esta «conversão do Ser à ordem totalmente outra do Fazer sem ser»⁷¹. Deus faz ser sem ser, não é sequer o ser supremo e fundador – o *ens realissimum* do teísmo. Deus faz, pura e simplesmente: pousa o ser do que lhe é absolutamente outro – ou seja, cria. É um fazer que não é, e que, como tal, deve fazer-se ele-mesmo fazendo. O fazer-ser – posição sem ser – é mais que ser e infinitamente mais que não ser. O mistério da criação não é o mistério operativo de um ser cuja essência seria “a-de-ser-aquele-que-cria”, mas dum Acto puríssimo, *Fiat* radical da absoluta auto e hetero-posição.

⁶⁸ *PP*, p. 196.

⁶⁹ *PP*, p. 201.

⁷⁰ *PP*, pp. 181-182.

⁷¹ *PP*, p. 188.

A criação realiza a posição conjunta da essência e da existência do ser, da possibilidade da efectividade e da efectividade da possibilidade⁷². A criação cria o ente e a *ousia* desse ente – é ôntica e ontológica. Ela é, por isso, espontaneidade inaugural transcategorialidade atópica e acrónica – iniciativa poética – miraculosa taumaturgia. Ela é acto de pôr irrelativo – posição do ser na sua efectividade ôntico-ontológica: cria o espaço e o tempo e todas categorias dessa efectividade do ser enquanto ser.

A partir da ideia de criação, entendida segundo vários graus de pureza, ou seja, desde o *fiat* divino – que é puro “fazer sem ser”, até ao *fiat* humano – mistura de ser e fazer – na medida em que o homem vive a condição intermédia de criatura-criadora, facilmente se compreende a abertura ao campo da estética mas também da moral. O Bem é, precisamente, um “fazer sem ser” – é algo a fazer, um “dever ser”, precisamente porque não é – o bem é irreduzível a qualquer tábua axiológica ou ideal pré-definido quiditativamente. O sujeito moral é, assim, um «criador ético»⁷³, a ética é “poiética”. Toda a moral jankélévitchiana se desenvolve na tensão entre o “mínimo ôntico” condição de possibilidade do “máximo ético”. A ética tenderá a ser me-ontológica: o ser é o “órgão-obstáculo” do fazer.

Conclusão

A “filosofia *primeira*” de Jankélévitch é uma metafísica magnetizada simultaneamente pelo que está aquém e para além do ser – além das essências e mesmo para lá das existências – visando surpreender o “quase nada”, o “não sei quê” que, no instante metempírico, realiza a súbita passagem entre ambos. O instante não é apenas limiar cronológico sem duração, mas concentração de acontecimento, algo “que” é sem ser “ente”, simultaneamente ôntico e me-ôntico. A não subsistência do “instante” traduz o modo de ser da “criação”, categoria metafísica por excelência permitindo a transição para a problemática ética e estética.

A pergunta pela “origem radical”, a intuição do instante emergente como pulsão que activa o devir – ele-mesmo «passagem contínua do não ser ao ser» – formam a trama ideativa de fundo para uma reflexão de longo curso sobre o tempo que, amiúde, Jankélévitch deixou lavrada ao longo de toda a sua obra anterior e subsequente.

⁷² *PP*, p. 218.

⁷³ *PP*, p. 226.

Referências bibliográficas

- AUBENQUE, Pierre (2009), *Faut-il déconstruire la métaphysique?*, PUF, Paris.
- BRADLEY, Francis-Herbert (1916), *Appearance and Reality*, Sixth impression, corrected, George Allen & Unwin, London.
- HEIMSOETH, Heinz (2003), *Les six grands thèmes de la métaphysique: du Moyen Âge aux Temps Modernes*, Vrin, Paris.
- GROSOS, Philippe (2007), «Vladimir Jankélévitch ou le charme des totalités allusives», *Questions de système: Études sur les métaphysiques de la présence à soi*, L'Âge d'homme, Lausanne, pp. 177-190.
- JANKÉLÉVITCH, Vladimir (1980), *Le Je-ne-sais-quoi et le presque-rien vol. 1: La Manière et l'occasion*. 2.º ed., Seuil, Paris.
- ___ (1983), *Les vertus et l'amour 2 : traité des vertus, t. II.*, Flammarion, Paris.
- ___ (1986), *Philosophie première : introduction à une philosophie du presque*. 2.ª ed., Presses Universitaires de France, Paris.
- ___ (1989), *Le Paradoxe de la morale*, Seuil, Paris.
- ___ (2005), *L'odyssée de la conscience dans la dernière philosophie de Schelling*. 2.º ed., L'Harmattan, Paris.
- ___ (2008), *Henri Bergson*, 3.ª ed., Presses Universitaires de France, Paris.
- JANKÉLÉVITCH, Vladimir – BERLOWITZ, Béatrice (1987), *Quelque part dans l'inachevé*, Gallimard, Paris.
- LAURENT, J. – ROMANO, C. (pref. e dir.) (2014), *Le néant : contribution à l'histoire du non-être dans la philosophie occidentale*, 2.º ed., PUF, Paris.
- LEVINAS, Emmanuel (1993), *De l'existence à l'existant*, Vrin, Paris.
- ___ (1997), «Vladimir Jankélévitch», in *Hors sujet.*, Le Livre de Poche, Paris.
- ___ (1998), *De Dieu qui vient à l'idée*, Vrin, Paris.
- ___ (1998), *Éthique comme Philosophie Première*, Payot & Rivages, Paris.
- PHILONENKO, Alexis (2011), *Jankélévitch: un système de l'éthique concrète*, Editions du Sandre, Paris.
- RQUIER, Camille (2009), *Archéologie de Bergson: temps et métaphysique*, PUF, Paris.
- WAHL, Jean (1955), «La philosophie première de V. Jankélévitch», *Revue de Métaphysique et de Morale* 60 (1/2), 161-217.